

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O S. NICOLAU EM GUIMARÃES.

SILVA, Domingos Ribeiro Dias da

Ano: 1923 | Número: 33

Como citar este documento:

SILVA, Domingos Ribeiro Dias da, O S. Nicolau em Guimarães. *Revista de Guimarães*, 33 (4) Out.-Dez. 1923, p. 227-230.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O S. NICOLAU EM GUIMARÃES

(Conclusão de pág. 170)

Minhas Senhoras, meus Senhores:

A minha digressão ao passado está a terminar. De 1901 por diante, todos V. Ex.^{as} sabem como as festas Nicolinas tem sido feitas, nuns anos com mais brilho, noutros com menos.

De resto, o meu intento era simplesmente evocar a época de 95 a 900. Era recordar os saudosos tempos em que o *Acácio Machado*, acrobata exímio de maçaneta no bombo, o *Pádua*, distinto em taina e sopeirame, o *Januário*, artista em rufos de caixa, o *Jerónimo Sampaio*, com o seu chiste e piada sempre prontos, o *Alvaro Casimiro*, o *Alfredo Correia*, *Pedro Lobo*, *António Bastos*, *Alberto Margaride*, *José Pina*, *Ferreira da Paz*, *Domingos* e *Jerónimo Rato*, *José Roriz*, *Fernando Lindoso*, *Rocha Lima*, *António Guimarães*, *Francisco Queiroz*, *Florêncio Lage*, e tantos outros — deram a êste burgo a expressão comunicativa do seu temperamento estúrdio e boémio.

Eu queria apenas fazer perpassar pelo vosso espírito, com a rapidez das fitas no *écran* cinematográfico, os saudosos tempos em que se faziam em Guimarães magníficas troças à *peste bubónica* e aos *kikeros*.

Eu queria apenas lembrar-vos as horas felizes em que os *Velhos* que se encontram hoje aqui, iam zabumbando forte pela madrugada a caminho das novenas da Conceição, onde tomavam a tradicional água de unto, na venda do célebre Cabronhão.

Eu queria apenas perguntar-vos se vos recordais ainda, minhas Senhoras e meus Senhores, dos magustos

de 95, tam animados, tam cheios de boémia, em que êles pelavam as unhas na mais santa e expansiva das alegrias.

Se vos lembrais ainda dos vistosos cortejos do pinheiro, conduzido por 60 juntas de bois, dos roubos audazes de taboletas, que esta geração com perícia e arte soube fazer.

Eu queria apenas, velhinhas de hoje e então azougadas e encantadoras tricanas, que lhes faziéis andar o juízo à roda e despertar amor no coração, recordar-vos as denguiças catrapiscantes que êles vos dirigiam num bando escolástico.

Eu queria finalmente, minhas Senhoras, perguntar-vos se ainda sabeis de cor os madrigais que êles, inflamados pelo mais puro dos amores, vos recitavam nas suas vistosas cavalgadas, quais outros cavaleiros medievais de lança em riste, ao entregar-vos *pomos dourados* que o seu coração apaixonado ao vosso tributava. Madrigais assim :

Senhoras ! Entre as damas do alto Céu
ergueu uma maçã guerra ateadada
nas celebradas bodas de Peleu...
E nas fôlhas da Biblia Sagrada
há um escrito que a maçã perdera
o velho Adão e Eva idolatrada.
Essa sorte, de certo, não a espera
nossa maçã, recordação da festa
que à vossa fêz a nossa Primavera :
tam humilde maçã e tam modesta.
.....
Aceitai-a, senhoras, e um sorriso em troca dela...

Geração de 95 :

¿ Que recordar-vos a vós, que tudo bem gravado tendes no mais íntimo das vossas almas ? ¿ As orgias, as ceias em casa do *Terrinha*, onde a vida corria veloz no meio de sonhos e fantasias que o vinho e a aguardente faziam sonhar ? Não.

¿ As danças em que vós, vestidos a capricho, aparentáveis donairosas e esbeltas tricanas, essas danças primorosas cuja letra o talentoso Padre Comissário com tanta arte escrevia, e que o falecido *Maneta* com

tanta pachorra ensaiava? Não. A vós não há que recordar, a vós que hoje tendes a fagueira ilusão de vos transportardes até 95; a vós que tudo bem tendes fundo no peito, meus amigos e companheiros, não há que recordar!

Minhas Senhoras, meus Senhores :

... Quando o sol da vida já declina,
mostrando-nos ao longe as sombras do poente,
é-nos doce parar na encosta da colina
e volver para trás o nosso olhar plangente.
Para trás, para trás, para os tempos remotos
tam cheios de canções, tam cheios de embriaguês!
Porque — ai! — a juventude é como a flor de *lotus*
que em cem anos floresce apenas uma vez.

.....
E' como o noivo triste a quem morreu a amante
e que ao sepulcro vai com suas mãos piedosas,
sôbre um amor eterno — o amor de um só instante,
deixar uma saudade e uma coroa de rosas.

Assim, minhas Senhoras e meus Senhores, os *Velhos*, hoje todos homens no declinar da vida, estigmatizados pela acção do tempo, sôbre cujo caminho já cai a neve e a cuja alma está prestes a chegar o inverno, veem hoje desfolhar, desprender, neste teatro, sôbre o caixão pequenino, infantil da sua mocidade académica, que nasceu e morreu numa manhã de Abril, perpétuas e goivos de eterna saudade do tempo que passou e não volta mais, porque

Voltam sempre as primaveras,
põe-se o sol, torna a surgir;
mas o tempo das quimeras
vai de vez, não torna a vir.

Eles veem aqui hoje reviver o passado sintetizado nas endeixas primorosas do *Auto de Saudade* que o talentoso *Velho P.^c Gaspar Roriz*, illustre ornamento da oratória sacra, a quem eu saúdo aqui e rendo o meu preito de homenagem e admiração sincera, escreveu expressamente. Inspiração mais feliz não a podia ter S. Ex.^a, como já ides ver.

Eles veem aqui evocar os protestos, as juras, os hinos de amor que os seus corações juvenis então sabiam fantasiar, a V. Ex.^{as}, minhas Senhoras.

Eles veem aqui, gentis costureiras da época, na Raquel e na Lucas, recordar os galanteios com que vos sabiam mimosear então.

Eles veem aqui, senhores comerciantes, talvez penitenciarem-se dos roubos das taboleta, com que vos arrelivavam seriamente nas Nicolinas da sua época, em nome da tradição.

Caixeirinhos de 95, e hoje honrados e pacatos comerciantes, êles veem aqui no dia de hoje pedir-vos desculpas mil dos banhos forçados que vos infligiram em gélidas manhãs de Dezembro no Chafariz do Toural ou na Fonte do Passarinho. Não foi por mal; era um estatuto rigoroso que assim o ordenava; era o brejeiro do Nicolau que assim o queria.

Mas, minhas Senhoras e meus Senhores, os *Velhos* no dia de hoje não veem aqui somente evocar horas felizes, recordações gratas de 95. Veem também recordar e relembrar com saudade aqueles que sendo professores durante a sua fugaz vida académica em Guimarães, hoje já não pertencem ao número dos vivos. Eles choram bem comovidos a morte dos saudosos mestres: Ribeiro, Miranda e José Maria Gomes.

De entre o número dos colegas teem êles infelizmente a registar o desaparecimento da vida por parte de muitos, pelo que não citarei nomes. Permitam-me V. Ex.^{as} que faça uma alusão especial a um, porque os mortos suponho bem que não se melindrarão: É o Dr. João de Meira, orgulho e glória de Guimarães. João de Meira, o entusiasta das Nicolinas, que a elas bem deixou o seu nome vinculado, o laureado académico do nosso Liceu, e depois o aluno distintíssimo da Faculdade de Medicina do Pôrto, da qual veio a ser professor exímio, foi na verdade uma criatura que marcou entre os filhos que mais teem honrado Guimarães, na sciência e na literatura.

Mas para com os mortos já hoje os velhos tiveram as devidas homenagens de saudade. Já demonstraram que os vivos não os esquecem no dia da celebração das suas bodas de prata.

.....